

**Eu sou angoleiro, angoleiro eu sei que eu sou”: “a gente precisa de identidade<sup>1</sup>**

**Alessandra Barreiro da Silva<sup>2</sup>**

**Alecsandro(Alex) J. P. Ratts<sup>3</sup>**

**Resumo:** Com base nos debates sobre identidade, entrevistas e trabalho de campo realizado com grupos de Capoeira Angola da cidade de Goiânia, localizada no Centro-Oeste do Brasil, buscamos compreender os sentidos de ser angoleira e angoleiro na cidade referida. Durante a década de 1930, período de legalização da capoeira, ocorreu o processo de diferenciação entre Capoeira Angola e Capoeira Regional, tendo em vista que até então só existia apenas a expressão capoeira. Essas duas práticas se construíram em oposição uma a outra. A partir desse contexto outras singularidades se apresentaram, tanto em relação aos grupos quanto as linhagens de capoeira, que se refere ao lugar de origem, ao mestre ou mestra que o(a) capoeirista se vincula. Neste sentido, consideramos que em Goiânia existem duas formas distintas de compreender a Capoeira Angola: uma sistematizada e ressignificada por Mestre Sabú e outra coletividade que toma como referência a linhagem de Capoeira Angola de Mestre Pastinha. Esta coletividade, apesar de possuírem especificidades dentro dos seus grupos, Só Angola, Calunga, Barravento e FICA/ GO, compartilham de elementos comuns, sendo a valorização e preservação do conhecimento produzido por Mestre Pastinha e seus discípulos uma das principais características. Para este coletivo, ser angoleiro(a) não se limita aquele(a) que pratica Capoeira Angola, esta identificação envolveria um compromisso com essa prática de matriz africana que é considerada por estes uma “filosofia de vida”.

**Palavras-chave:** Capoeira Angola, Identidade e identificação.

---

<sup>1</sup>Artigo produzido a partir da dissertação de mestrado intitulada “Eu sou angoleiro, angoleiro eu sei que eu sou”: Identificações e trajetórias na Capoeira Angola em Goiânia”.

<sup>2</sup> Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental-Ênfase em Inclusão pelo Centro de Pesquisa Aplicado a Educação -UFG e Mestre em Antropologia Social pela mesma universidade. Professora da Rede Estadual de Educação de Goiás.

<sup>3</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1988), mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1996) e doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2001). Professor na Universidade Federal de Goiás nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e mestrado em Antropologia. Coordenador do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (LaGENTE/IESA/UFG)

A capoeira, como uma prática corporal de matriz africana que teve grande contribuição nos processos de resistência à escravidão no Brasil, ganhou diversos sentidos e significados ao longo da história, a partir das necessidades e contextos locais. Durante muito tempo esta prática foi considerada marginal, portanto, que ameaçava a ordem social, e como tal, deveria ser proibida. A partir do ano de 1890, após sua inserção no Código penal da República dos Estados Unidos do Brasil: “Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem” acarretaria pena de dois a seis meses de prisão sendo “considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta”. Esse período foi denominado por Letícia Reis de criminalização da capoeira.

Para o debate sobre as identificações da Capoeira Angola em Goiânia, tomamos como ponto de partida a década de 1930, período de legalização da capoeira, quando se dá a diferenciação entre Capoeira Angola e Capoeira Regional, já que até então só se conhecia a denominação capoeira. A partir do momento que Mestre Bimba<sup>4</sup> cria a Luta Regional Baiana, surge a identificação Capoeira Angola, como forma de contrapor à invenção de Bimba, mais tarde difundida como Capoeira Regional. Segundo Pires (2002), estas práticas teriam sido construídas em oposição explícita uma a outra.

Diferentemente da Capoeira Regional, que podemos afirmar que Mestre Bimba foi o criador, na Capoeira Angola sua construção se deu de forma coletiva. Contudo, mesmo que não exista um criador da Capoeira Angola, Mestre Pastinha, acabou se tornando o maior representante dessa prática. Este mestre foi responsável por várias inovações imprimidas na capoeira, contribuindo de forma significativa para a consolidação da Capoeira Angola. Mestre Pastinha também ensinou e formou vários capoeiristas, que se afirmam e são reconhecidos como “angoleiros da linhagem pastiniana”. Dentro da capoeira, o termo linhagem se refere ao lugar de onde vem o(a) capoeirista, seria então um elemento de suma importância para as identificações.

Além de Mestre Pastinha, Mestres Noronha, Cobrinha Verde, Waldemar, Traíra, Tontonho de Maré, Aberrê, entre tantos outros, também fizeram parte da construção coletiva da Capoeira Angola, todavia poucos teriam deixado discípulos(as) que pudessem perpetuar e manter suas tradições. Entre esses poucos se encontra Mestre Aberrê, que teria formado Mestre Canjiquinha e Mestre Caiçara, sendo este último responsável pela formação daquele que seria o pioneiro da capoeira no estado de Goiás: Mestre Sabú. Após morar na Bahia durante mais ou menos uma década, Mestre Sabú voltou para Goiânia na década de 1960, e, a partir das necessidades locais e do contexto vivido recriou a Capoeira Angola que aprendera na Bahia.

Também é preciso lembrar que a cidade de Goiânia teve forte influência da Capoeira Regional, devido a estadia de Mestre Bimba e os

---

<sup>4</sup> Optamos por trabalhar com os apelidos, daqueles(as) que possuem, pois esta também é uma das formas de identificação dentro da capoeira.

trabalhos difundidos por seus discípulos. Além dessas duas linhagens de capoeira, a partir do ano de 1986 Vermelho, Guaraná, Caçador, Besouro, Valéria, ex-alunos de Mestre Zumbi do Grupo Cordão de Ouro, e Ana Maria, fizeram várias viagens para Bahia, onde treinaram e conviveram com diferentes mestres da linhagem de Capoeira Angola de Mestre Pastinha ou pastiniana. Entre idas e vindas a Bahia, esses(as) capoeiristas decidiram assumir e difundir a capoeira que aprenderam na Bahia. Neste trabalho, como forma de diferenciá-los(as) da linhagem Capoeira Angola de Mestre Sabú, os(as) denominamos de angoleiros(as) que tomam como referência a linhagem de Mestre Pastinha.

Esses angoleiros(a) influenciaram dois capoeiristas da Cidade de Goiás, Chuluca e Leninho, que também se dedicaram e dedicam, unicamente à prática da Capoeira Angola, sendo que este último foi formado a Contramestre por Mestre Cobra Mansa, angoleiro da linhagem de Mestre Pastinha. Menos de dez anos depois, Mestre Goyano, também integrante do Grupo Cordão de Ouro, porém, em São Paulo, decidiu deixar a capoeira que praticava e assumir, se dedicar apenas à Capoeira Angola. Estes, juntamente com seus grupos de capoeira, foram os sujeitos de nossa pesquisa.

A temática da identidade/identificação ganhou grande visibilidade com os estudos realizados por Stuart Hall, um dos principais expoentes dos Estudos Culturais. A partir da ideia de que a identidade é um processo inacabado em constante construção e reconstrução, Stuart Hall prefere o termo *identificação* ao invés de *identidade* que

representaria algo fixo e acabado. O autor acredita que a identidade é relacional e se dá na alteridade. “Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’ (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser” (2006, p. 40). O antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira também traz contribuições para discutirmos essa categoria. Para ele a identidade teria duas dimensões: a “pessoal ou individual” e a “social ou coletiva” e que em uma via de mão dupla, estas se influenciam. Assim como Hall, Cardoso de Oliveira (2003, p. 120) defende que a identidade surge por oposição. “Implica a afirmação de *nós* diante dos *outros*. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com quem se defrontam”.

Indo ao encontro da tese apresentada pelos dois autores referidos acima, Pires (2002, p. 89) afirma que: “A capoeira Regional e a Capoeira Angola foram construídas em oposição uma a outra”. Silva, Falcão e Dias (2012, p. 3) também fazem considerações sobre o processo de diferenciação: “Tudo isso se deu em constante clima de conflito e disputa por espaço de legitimidade, que reverberam até os dias de hoje”. Negar a outra capoeira ou o outro mestre, neste caso Bimba e Pastinha, era uma forma de legitimar, afirmar que “eu” sou o que o “outro(a)” não é. Um processo de negação do(a) outro(a) e afirmação de si. Em Goiânia, a diferença não é estabelecida apenas em oposição à Capoeira Regional de Bimba, mas também em relação à Capoeira Angola da linhagem de Mestre Sabú.

Apesar de trazermos no título desse artigo a afirmação: “a gente precisa de identidade”, continuamos tomando por base o conceito de Hall (2006, p. 38) em que a identificação: “[...] permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’”. Todavia, Mestre Goyano parece tentar responder a pergunta que este autor inicia um dos seus textos: “Quem Precisa de identidade?” “[...] pessoas não querem compromisso nesse mundo globalizado, tudo é superficial, tudo chega em todos os lugares, as pessoas não querem identidade, *nós precisamos de identidade*, somos angoleiros e queremos preservar essa cultura milenar” (Diário de campo, 24/06/2013). A partir da frase do mestre, e também de outros elementos como o canto, percebemos que na coletividade estudada, Grupos Só Angola, Calunga, Barravento e FICA/GO, coordenados respectivamente por Mestre Vermelho, Mestre Guaraná, Mestre Goyano e Contramestre Leninho, existe um recorrente discurso de afirmação de identidade.

Em campo, por exemplo, ouvimos várias pessoas cantarem os corridos<sup>5</sup> utilizados no título desse artigo e em outros trechos presentes na dissertação: “Sou Angoleiro que vem de Angola” e “Eu sou angoleiro, angoleiro, eu sei que eu sou”<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Tipo de canto realizado durante o jogo de Capoeira Angola, que funciona no esquema de perguntas e respostas. Um cantador faz a primeira parte e o coro, conjunto de participantes da roda, responde. Segundo Esteves apud Lima (2006, p. 84) “Cântico de capoeira que marca o instante em que o jogo pode ter andamento, quando o coro é fundamental”.

<sup>6</sup> Nas versões originais dessas músicas, estas letras aparecem no masculino. A palavra “angoleira”, nós quem incluímos como forma de legitimar a presença da mulher na capoeira e

Neste sentido, cabe trazer a ideia de Magalhães Filho (2012, p. 28) que permite fazer uma ressalva ao pensamento de Hall exposto acima: “os traços que definem a identidade da capoeira angola não são ‘superfluidades’, eles dizem respeito a todo um modo de vida e uma visão de mundo”. Abaixo, os angoleiros e angoleiras de Goiânia apresentam suas concepções sobre essa identificação:

Eu acho que o que caracteriza um capoeirista é a expressão, é a expressão corporal dele, é a responsabilidade dele e uma coisa muito mais importante que é a lealdade, sabe? [...] Então, o angoleiro ele tem que ter postura. É coisa que sai de dentro pra fora, não é coisa de fora pra dentro. [...] Então, tem uma diferença muito grande, tem no toque, no cantar, tem diferença na forma de jogar, na forma de tocar (Mestre Vermelho, Grupo Só Angola, 05/12/13)

Bom, acho que angoleiro é aquele que tem que tá na raiz mesmo. Acho que a gente tem a gente segue a linhagem de Pastinha, então, tudo que tá relacionado à Capoeira Angola de Pastinha a gente tenta seguir, aquela tradição assim aquela coisa mais rigorosa mais certinha, sabe sem mudar sem descaracterizar a capoeira né, a gente vê mais por esse lado (Ana Maria, Grupo Só Angola, 17/12/13).

É a preservação da cultura assim tanto no ritmo, assim na música, no jogo né, no canto e no conhecimento (Réges, Grupo Só Angola, 26/12/2013).

É buscar uma identidade, é construir. A gente não faz isso assim, não é de uma hora pra outra. Tem todo um processo, um processo de busca e de resignificação de toda uma história [...] o capoeirista além de capoeirista é também preto militante. Então, eu acho que pra mim se for pra atribuir significados ela vai nessa coisa de uma busca de uma reorganização de um processo identitário, pra minha formação, pra minha emancipação. Então ser angoleiro pra mim ele não tem só uma dimensão do saber de toque dos instrumentos

que é característico de uma determinada prática e nem de uma técnica corporal e tal. Então, ser angoleiro para mim ela envolve um conjunto de coisas da minha identidade mesmo como homem afro-brasileiro e tal. [...] ser angoleiro é ter consciência política, ser crítico de como é que foi a história do negro no Brasil (Mestre Guaraná, Grupo Calunga, 29/11/2013).

[...] que o que mais diferencia da Capoeira Angola não é as movimentações é o estado de espírito mesmo, sabe? O estado de espírito de angoleiro é diferente, é muito diferente. É muito ímpar mesmo. [...] É encarar uma batalha. [...] A pessoa olha o que você tá fazendo e ele não vai entender porque existe muitos códigos entre um jogo, dentro de uma manifestação. Só quem tá lá muito tempo lá dentro vai conseguir perceber os códigos. Até hoje eu não sei um monte deles, apesar que já tem dezoito anos (Treinel Jagunço, Grupo Calunga, 26/11/13).

Hoje eu vejo que começou a ser só angoleiro foi por uma necessidade de reafirmar que existia outras formas de fazer a capoeira que não era só a capoeira que Bimba vinha trabalhando [...] Ser angoleiro é ser camarada, é ser amoroso. Mestre Pastinha falava isso. [...] o controle do corpo, eu tenho uma preocupação ali com o jogo, que é pra ser mais do que uma representação estética do movimento com a perfeição do movimento, com a mandinga, que é um pouco da religiosidade mais presente no rito, que tá ali dentro da Capoeira Angola. Angoleiro é ser amoroso, é ter um corpo vadio, é usar mais a mandinga, a malícia, a malandragem e isso são elementos que com a branquificação da sociedade ficou sendo pejorativo e não é usado o que tem bom nisso. O que é ser malandro? É saber esquivar. Não que esses elementos também não existam na Capoeira Regional, mas isso não é trabalhado com esse discurso e com essa fundamentação e também eu vejo um pouco menos a interface com o movimento negro e com a própria questão com os movimentos sociais (Janaina, Grupo Calunga, 28/11/13).

Mestre Pastinha falava umas coisa, capoeira, capoeirista angoleiro é aquele que joga com a alma, é um entendimento bacana, mas na atual conjuntura da Capoeira Angola eu acho que uma definição de Mestre Moraes... Não é

minha, mas ele definiria, ele fala que Capoeira Angola é aquele que tem compromisso com a Capoeira Angola, então hoje na atualidade é isso, sabe, porque a pessoa pode até jogar com a alma, mas se ela não tiver compromisso com a Capoeira Angola [...] Capoeira Angola é isso, quando você joga você carrega, é como se você fizesse uma oração, você carrega essa bateria, ela te dá um sentido pra vida, ela te orienta, ela te guarda, ela te protege, entendeu? (Mestre Goyano, Grupo Barravento, 14/12/2013)

Angoleiro é primeiramente quem pratica a Capoeira Angola. Inicialmente nos primeiros anos de treino é isso. Depois passa a ser a maneira como você trata a Capoeira Angola, ou maneira como você se comporta diante do mundo capoeirístico, do mundo da Capoeira Angola. Hoje depois desse tempo eu acredito que ser angoleiro é ter um compromisso com a Capoeira Angola (Pimenta, Grupo Barravento, 17/12/13).

Angoleiro é auto afirmação da pessoa que pratica Capoeira Angola, agora o ser angoleiro é para além de fazer a coisa física, tem sentimento respeito, manter esse fundamento, preceitos, manter a história. (Contramestre Leninho, FICA/GO, 12/11/2013)

Bom, pra mim, ser angoleira é estar dentro de uma perspectiva de capoeira, [...] não é uma coisa isolada. Então, pra mim, ser capoeira é entender o movimento de capoeira, é fazer o movimento de capoeira dentro de um diálogo, de uma conversa que a gente chama de jogo, né, coisa do desafio, então quando eu vi isso eu vi o desafio, falei: nossa, massa! E assim as pessoas se divertindo com aquilo acho que isso era bacana, não era uma coisa de demonstração [...] (Flávia, FICA/GO, 18/12/13).

Observamos que cada entrevistada(o) traduz de forma singular o sentido dessa identificação, entretanto, podemos pontuar algumas características comuns. Sem desconsiderarmos as individualidades, nem tão pouco as identidades dos grupos Só Angola, Calunga, Barravento e

FICA/GO, focaremos na noção mais ampla de coletividade angoleira da cidade de Goiânia que toma como referência a linhagem de Mestre Pastinha. Isso significaria dizer que apesar das diferenças, existem memórias do passado em comum: a perpetuação de uma herança, nesse caso de Mestre Pastinha, e o desejo de viver em conjunto (HALL, 2006).

Cardoso de Oliveira considera que “A identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social” (2003, p. 119). A exemplo temos a inauguração do novo espaço do Grupo Barravento em Aparecida de Goiânia, cidade vizinha à capital goiana, que contou com a presença de todos(as) os entrevistados(as). Ainda que existam laços mais fortes entre determinados grupos e mestres, e claro, singularidades, essas pessoas se reconhecem e são reconhecidas como angoleiras. Esse coletivo compartilha de códigos de pertencimento em comum e símbolos de identidade que garantem esse reconhecimento.

Diversas palavras e expressões foram utilizadas para atribuir sentidos e significados para identificação angoleira: tradição, preservação da cultura, ritmo, expressão corporal, forma de tocar, cantar, jogar, algo de dentro para fora, responsabilidade, história/história do negro, militância, processo identitário, consciência política, necessidade de se reafirmar, Mestre Pastinha, religiosidade, mandinga, malícia, malandragem, interface com movimento negro e movimentos sociais, ser camarada, ser amoroso, ter compromisso, sentido para vida, quem pratica Capoeira Angola, comportamento, respeito,

fundamento, jogo como diálogo e estar dentro da perspectiva de Capoeira Angola.

O “compromisso” lembrado por Mestre Goyano e também outros(as) entrevistados(as) se apresenta na Capoeira Angola em Goiânia pela preservação das tradições, dos fundamentos, estudo e valorização da história do negro e militância ou interface com o movimento negro. Não estamos afirmando que todos angoleiros e angoleiras de Goiânia sejam militante desse movimento. Nem tão pouco isso significa dizer que todos(as) estejam envolvidos(as) com a mesma intensidade nessas lutas. Entretanto, principalmente nos três grupos que realizamos trabalho de campo, Só Angola, Calunga e Barravento, encontramos debates relacionados à situação do negro e atividades voltadas para valorização das culturas de matriz africana, incluindo nas atividades pessoas brancas e de outros pertencimentos étnico-raciais.

Assim como Ratts (2003), optamos pelo viés que desnaturaliza raça e vinculação ao conceito de etnia, no entanto, reconhecemos que “[...] a noção de etnia retira a raça do conceito biologizante, mas não a faz desaparecer”. (p.3) Nesse contexto a identificação étnico-racial passa a ser construída também a partir da participação em grupos que possuem matriz africana, como a Capoeira Angola. Ferracini (2007, p. 35) afirma que “Atualmente alguns grupos de Capoeira Angola buscam uma afirmação da descendência africana dos valores negros”. O autor ainda considera que Mestre Moraes, a partir da fundação do Grupo GCAP (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho), é responsável por várias ações que

buscam valorizar as raízes africanas da Capoeira Angola, criando pontes com outras manifestações negras como o Candomblé Angola. Neste mesmo patamar prosseguem Silva, Noronha e Falcão (2013, p.71)

A guinada da Capoeira Angola se deu, no nosso entendimento, em meados de 1980 a partir da criação do GCAP quando Mestre Moraes, influenciado pelo movimento negro baiano, investe em seu projeto de valorizar os velhos mestres e fortalecer a prática da Capoeira Angola empoderando-se do discurso da tradicionalidade, da identidade negra e da herança africana. [...] Aqui vale considerar que, no contexto da Capoeira Angola, a identificação 'angoleiro' não serve apenas para definir o indivíduo que joga Capoeira Angola, mais do que isso, é uma categoria que, no processo de ressurgimento e reafirmação da Capoeira Angola, acaba adquirindo o peso de uma 'patente' ao invés disso, ressurgiu ainda mais forte e orgulhosa, ser angoleiro é como carregar no peito uma medalha de honra e mérito".

Concordando com Mestra Janja (2004, p. 155) que: "Naquele momento, a construção de uma identidade positiva de ser angoleiro aparecia acompanhada do fortalecimento de uma identidade racial". Mestre Guaraná (29/11/13) fez uma importante reflexão sobre como Mestre Zumbi, como negro e militante contribuiu para construção da sua identificação racial: "Eu comecei a me perceber enquanto negro [...] Mas isso não é questão biológica, isso é posicionamento político. Eu sempre me posicionei favorável a esses dois grupos mais especificamente como negro porque estou dentro da capoeira". O outro grupo que Mestre Guaraná se refere são os indígenas, de onde ele aponta que advém seu "fenótipo". Este mestre é originário da

Ilha do Bananal secularmente habitada pelos índios Karajá. A autoidentificação étnico-racial se combina com um processo coletivo no sentido de colaborar para uma identidade positiva, como diz Munanga (1999, p. 13): "A construção dessa nova consciência não é possível sem colocar no ponto de partida a questão da autodefinição dos membros do grupo".

Outro elemento importante que encontramos nessa perspectiva de Capoeira Angola é a negação do discurso nacionalista da capoeira enquanto um "esporte genuinamente brasileiro", presente em outras vertentes de capoeira, em defesa das suas matrizes africanas. Afirmar a capoeira como genuinamente brasileira, segundo Mestre Moraes apud Araújo, Mestra Janja (2004, p. 150) é desconsiderar "[...] que o negro africano teve grande participação na nossa história cultural". Podemos afirmar que a categoria esporte não é adotada pelos angoleiros e angoleiras de Goiânia

Esse sentimento, orgulho de ser angoleiro(a), de pertencer a uma cultura negra de matriz africana, não significa uma grande participação de pessoas negras na Capoeira Angola, nem em Goiânia, nem em muitos outros lugares. Para Araújo, Mestra Janja (2004) a explicação da reduzida presença de negros na Capoeira Angola está relacionada às condições de vida dessa população "cuja segregação espacial é tomada apenas como mais um dos fatores" (p. 96). Dos quatro grupos pesquisados em Goiânia, apenas o Grupo Só Angola está localizado em uma área periférica da cidade, não por coincidência, é o único que possui sede fixa, e que inclusive viveu momentos de tensão e

luta em 2013 e início de 2014, devido à ordem de despejo emitida pela Prefeitura de Goiânia.

A participação de brancos na Capoeira Angola, também identificada na realidade goianiense, a exemplo do que é trazido por Mestre Janja, colaborou para criar ou ampliar uma estratégia de combate ao racismo. “[...] tornando-a não apenas como uma responsabilidade das pessoas negras e dos movimentos negros, mas como uma exigência da própria capoeira e do capoeirista inseridos na defesa da sua memória histórica” (Idem, p. 196). O treinel Jagunço (26/11/12) narra com se dá esse processo no Grupo Calunga: “Se chegam pessoas brancas, a gente tenta fazer com que elas entendam o processo. O mestre tenta fazer com que a pessoa entenda o processo de consciência e de como o negro se encontra na sociedade”.

Vincular-se a um desses grupos de Capoeira Angola de Goiânia não se reduz ou significa a mera inserção em uma atividade física. Mestres Vermelho, Guaraná e Goyano relacionam o fato de não ministrarem aulas em academias a uma postura política, onde a prioridade seria ocupar espaços públicos. Assim como o sentido de “ser angoleiro”, resolvemos, ao invés de conceituar Capoeira Angola, perguntar aos angoleiros(as) como entendem sua prática. O que ainda não sabíamos é que “se existe uma coisa que causa grande desconforto entre angoleiros é ter que definir o que é capoeira” (ARAÚJO, Mestre Janja, 2004, p. 35). Quando os(as) angoleiras(os) tentam conceituá-lo sempre recorrem à múltiplas palavras e, principalmente, aos conceitos atribuídos por Mestre Pastinha. “Capoeira é luta, dança, jogo, brincadeira, mandinga, e, *‘tudo que a boca*

*come’*, é o que alimenta a gente é a capoeira!” (Flávia, 18/12/13). Araújo, Mestre Janja, discutiu em seu trabalho as concepções de capoeira assumidas por angoleiros(as), bem como o significado da expressão destacada:

Entre os angoleiros, é mais comum encontrá-los apregoando a capoeira como sendo uma ‘filosofia de vida’ em que qualquer tentativa de definição fere seus conteúdos e abrangências, reduzindo-a de outras possibilidades[...]Estes apresentam em comum a crença *pastiniana* de que “a capoeira é tudo que a boca come” e que como tal, tornam-se responsáveis pela manutenção do conhecimento estruturado sobre os pilares da ancestralidade e oralidade, e a busca das definições necessárias à produção e seleção de valores que atuem como “alimentos” necessários ao fortalecimento não apenas do corpo físico, mas a própria cadeia de pertencimento, sendo protagonistas da sua permanência e autonomia (2004, p.49 e 97 grifo da autora).

Percebemos nas falas dos angoleiros(as) de Goiânia, mais sentidos, também na ideia de sentimento, de se referir aos aspectos subjetivos, do que definições propriamente ditas: “Hoje capoeira pra mim ocupa um lugar muito importante [...] Tudo que eu tenho hoje é em função de capoeira. [...] Isso é a capoeira correndo nas veias” (Treinel Jagunço 26/11/12); “Capoeira é modo de agir, é modo de ser, é tudo, é alimento e pra mim é minha vida” (Pimenta, 17/12/13). Régis (26/12/13), por sua vez, considera que “Capoeira é uma arte, é cultura né, [...] é um contexto assim de valores e conceitos existente, e pra mim ela tá mais como cultura mesmo, assim formação de ideias”. Caracterizar a capoeira apenas como cultura seria uma maneira de se opor a conceituação dessa prática como



esporte. Além das respostas anteriormente transcritas, os Mestres Vermelho, Guaraná e Goyano, também apresentam a profundidade e complexidade de se tentar definir a Capoeira:

‘Capoeira é tudo que a boca come’ pra mim. Capoeira pra mim é religião, é filosofia de vida. Capoeira é paz. Na hora da dor, ela vira arte marcial, na hora da alegria ela vira cultura, ela vira educação, ela vira música ela vira dança. Mas eu... Pastinha dizia isso - ‘Capoeira é tudo que a boca come.’ [...] A magia, a capoeira é a magia, é a mandinga, sabe a malícia, a negaça. Capoeira é tudo (Mestre Vermelho, 05/12/13).

Mestre Pastinha falou que ‘é tudo que a boca come’. É tudo pra mim, é a minha vida, se perguntarem: Guaraná, o que capoeira significa para você? Significa tudo. É o processo meu de estar no mundo e de como estou no mundo é como capoeira, eu sou Guaraná da capoeira. Então, assim a capoeira é tudo pra mim na minha vida. Ah! O que você fez além de capoeira? Eu tive outras profissões, mas eu me identifico com a capoeira. Eu estou em formação para ser pedagogo e posso trabalhar na educação, mas a capoeira ela é tudo, tudo, envolve todas as minhas subjetividades e envolve a minha forma de estar no mundo e ela é... a capoeira ela é uma mãe pra mim, ela me orienta né, ela que é o meu centro né, é onde eu vou me nutrir de forças, é onde eu vou me compreender em todas as minhas ações assim, de compreensão de vida né. Então, capoeira ela é tudo pra mim (Mestre Guaraná, 29/11/13).

É muito difícil as palavras, é... definir [...] Mas a capoeira é uma forma de manifestação do ser humano, é uma manifestação, a pessoa manifesta é, um instinto que ele tem dentro dele, né, e ele traduz esse instinto pelo movimento, pelo jogo né, é tanto que a capoeira é uma metáfora da vida é, a gente pode também falar que ela é uma metáfora da vida por isso, porque a vida quem é a vida? A vida é o ser humano, o humano que viabiliza a vida, então quando a pessoa manifesta, manifesta um pedaço da vida dele ali. [...] A Capoeira Angola eu entendo que é isso, é uma manifestação de vida, uma manifestação do

espírito de uma pessoa, do ser humano, de uma essência (Mestre Goyano, 14/12/13).

Assim como apresentado em outros momentos, a ancestralidade de Mestre Pastinha, é acionada para dar sentido a amplitude que essa prática representa na vida desses sujeitos. A Capoeira Angola se torna o eixo norteador que orienta as demais atividades e situações do cotidiano, o que faz com que esta seja compreendida como uma “filosofia de vida”. O sentido atribuído a capoeira faz parte da construção identificação angolense, tanto no caráter individual quanto coletivo. Esse processo é fortemente influenciado pela noção de linhagem, o lugar que origina a pessoa ou grupo de capoeira. Brito. C (2010, p.60) fez uma análise sobre esses processos, onde considera que a “filiação” ou “apadrinhamento” garantiria as singularidades. Contudo ressalta que: “um grupo não pode ser tão diferente a ponto de não fazer parte da comunidade mais ampla, e ao mesmo tempo, ele não pode ser exatamente igual a ponto de se fundir totalmente”.

Mestres Curió, Boca Rica, Moraes, Cobra Mansa e Mestra Janja são exemplos de pessoas reverenciadas pelos(as) angoleiros(as) dessa cidade. Entretanto cada angoleiro(a) possui uma relação distinta com esses “herdeiros da tradição da escola pastiniana”, denominação utilizada por Araújo, Mestra Janja, (2004). O que aparece em comum, e nos permite chamar os grupos Só Angola, Calunga, Barravento e FICA/GO de coletividade, é o reconhecimento de Mestre Pastinha como principal referência da Capoeira Angola. Trazemos a fala de Contramestre Leninho

para refletirmos sobre as linhagens de Capoeira Angola na cidade de Goiânia:

Bom, é difícil pra caramba isso aí! Mas é o seguinte: A coisa de linhagem de capoeira hoje a gente pensa primeiramente em Mestre Pastinha. Eu tô dentro da árvore de Mestre Pastinha. Eu estou, diretamente... Então, assim a linhagem pra dizer a minha linhagem, que é preto e amarelo né, pra ser... pra dizer a linhagem é tão confuso dizer isso porque a gente tá falando da gente aqui, sendo que pra lá para o passado a gente já tem uma questão assim meio contraditória né. Se já é contraditório pra eles, imagina pra gente! Mas assim eu defendo essa minha linhagem de mestre... Eu vou falar de mim. Eu defendo a linhagem de Mestre Pastinha, embora eu acredito que mudou muita coisa. Mudou algumas coisas que foram aprimoradas, outras foram introduzidas, outras foram deixadas de lado, mas que mudou muita coisa mudou, mas isso eu posso dizer e defendo essa linhagem do Mestre Pastinha e eu uso Preto e Amarelo. Não por eu usar diretamente o preto e amarelo, porque tem linhagens diretas do mestre Pastinha: João Pequeno, João Grande que não usam preto e amarelo. Mestre Curió e Mestre Pastinha... Aí é que vem a confusão: Mestre Curió vem de Mestre Pastinha, mas não é só de Mestre Pastinha, usa preto e amarelo. Mestre João Pequeno e Mestre João Grande são só de Pastinha e usa branco. Mestre Boca Rica usa preto e amarelo e usa branco. Então, é muito difícil, tem que ter muita coragem para afirmar qualquer coisa dentro da capoeira. Aqui, quem quer afirmar qualquer coisa na capoeira, não sei, acho que ele deve estar equivocado porque capoeira nunca foi totalmente uma coisa escrita, determinada, fixada, ela está sempre em evolução, em conformamento. Meu pouco tempo de capoeira já percebi várias divergências desde os velhos tempos, quem sou eu para estar falando alguma coisa, dessa minha geração, quem é a pessoa dessa nossa geração para querer afirmar alguma coisa, se os velhos mesmo entram em contradição, eles que estavam lá no berço de Salvador, junto de Mestre Pastinha e conviveu, quem somos nós aqui, pra querer falar, afirmar qualquer coisa. Ninguém dentro de nós tem autonomia condição para afirmar nada. Eu creio nisso. Eu

sei que tem a hierarquia que existe, tem essa árvore aí e tem outras linhagens também, tem várias outras linhagens que são deixadas de lado. Eu sou da linhagem de Mestre Pastinha, eu foco nisso, mas não pode esquecer de Mestre Waldemar, Tontonho de Maré, Canjiquinha. Não pode afirmar que hoje capoeira é só Pastinha (Contramestre Leninho, 12/11/13).

Assim como Contramestre Leninho, Mestre Goyano (14/12/13) considera que:

Não existe só a linhagem de capoeira de Mestre Pastinha, existe Mestre Waldemar, Mestre Canjiquinha, que é a linhagem do Mestre Sabú, tinha Mestre Traíra, mas não deixou discípulo. Mestre Pastinha foi o mais famoso, o que organizou um método de capoeira, não podemos negar a influência dele, mas existem outros.

Diante de toda essa complexidade, que optamos por utilizar a expressão angoleiros(as) que “tomam como referência a linhagem de Mestre Pastinha” ao invés de angoleiros(as) da linhagem de Pastinha ou da escola pastiniana, como o fazem outros autores, a exemplo de Mestra Janja (2004)<sup>7</sup>. É preciso esclarecer que apesar de Mestre Goyano ter afirmado que não pertence à linhagem de Pastinha, e Mestre Guaraná achar arriscada a identificação “angoleiro da linhagem de Pastinha” diante das trajetórias dos(as) pesquisados(as), poderíamos dizer que os quatro grupos sejam

---

<sup>7</sup> “Ao pensamento histórico dos angoleiros sobre as origens da Capoeira Angola e a sua história no quadro da resistência dos povos negros, no Brasil. O conjunto destas informações sistematizadas na oralidade, acatamos a sugestão do Mestre Neco (Grupo de Capoeira Só Angola /RJ), para denominá-lo de *escola pastiniana*. O que apresentamos como sendo a escola pastiniana são os ensinamentos orientados com o propósito de construir uma outra vivência na capoeira que rompesse com a definição de luta atlética, ou ainda que a contivesse nas linhas abismais da marginalidade” (ARAÚJO, MESTRA JANJA, 2004, p. 27).

“orientados”<sup>8</sup> por esta linhagem. Assim, pela necessidade de diferenciá-los da linhagem de Capoeira Angola de Mestre Sabú e também pelo fato de não conseguirmos aprofundar nas singularidades de cada grupo, essa identificação reconhece as diferenças nas trajetórias, nas construções das identidades e abrange a ideia de coletividade. Estando ou não dentro dessa linhagem é possível dizer que esses mestres e contramestre, tomam como referência a linhagem de Mestre Pastinha.

Quem é ou não da linhagem “de Mestre Pastinha”, é um debate que acompanha, o universo da Capoeira Angola e que muitas vezes implica reconhecer ou não um(a) capoeirista como angoleiro(a). Estas identificações estariam em disputa. Segundo Magalhães Filho (2011): “A identidade pressupõe um poder de definição, de quem pode dizer quem pertence ou não ao grupo” (p. 52). A música cantada nas rodas de capoeira: “Menino quem foi seu mestre?” representa muito bem a importância que a origem, o lugar de pertencimento, a linhagem tem na capoeira. Na maioria das vezes quando chegamos a uma roda esta é uma das primeiras perguntas que ouvimos cuja resposta abre ou fecha as portas, causa desconfiança ou confiança e muitas vezes legítima ou não o(a) angoleiro(a), antes mesmo dele(a) entrar na roda. Após a roda esse pertencimento

poderá ser confirmado ou negado de acordo com o domínio dos fundamentos e da compreensão dos códigos próprios da Capoeira Angola.

Mestre Goyano considera que: “a gente vai contra uma tradição na Capoeira Angola que é a questão da relação Mestre discípulo. A Capoeira Angola fala que isso é um dos fundamentos da Capoeira Angola é o discípulo ter o mestre” (14/12/13). A concordância da frase, “a gente” e as trajetórias dos mestres e contramestre de Goiânia que tomam como referência a linhagem de Mestre Pastinha, parece indicar que outras pessoas se enquadram nessas características. Mestre Guaraná faz uma análise sobre seu percurso: “Eu venho de outra vertente e fui lá para Seu Curió, mas não vivi com Seu Curió lá na Bahia assim e nesse processo de ressignificação e essas coisas, mas nem sempre foi assim no mundo de capoeira né” (Entrevista 29/11/13). Magalhães Filho (2011) faz uma afirmação que pode ser relacionada a ideia de Mestre Guaraná, a partir dos exemplos dos Mestres João Pequeno e João Grande, que antes de treinarem com Mestre Pastinha, teriam treinado respectivamente com Juvêncio Barbosa e Cobrinha Verde: “Nesse tempo anterior à organização das academias, a relação entre mestre e discípulo era aparentemente menos rígida”. (p.78)

Com base nos caminhos percorridos pelos Mestres Goyano, Guaraná, Vermelho e o Contramestre Leninho, Silva, Noronha e Falcão (2013) afirmam que estes angoleiros de Goiânia teriam em comum uma “trajetória híbrida na capoeira”:

O que chamamos, aqui de trajetória híbrida é o processo de formação do capoeirista que não se deu de maneira linear, isto é, por meio da

<sup>8</sup> Essa expressão é utilizada por Araújo, Mestra Janja, (2004, vii) para identificar os(as) participantes de sua pesquisa: “Este trabalho lida com uma realidade, marcada não apenas pelo ressurgimento, mas pelo crescimento do *estilo* Capoeira Angola, tida como a capoeira tradicional, africana, através de novas gerações de mestres e contramestres originários da *linhagem pastiniana* (Mestre Pastinha, 1889-1981), e orientados por ela [...]”.

“linhagem tradicional”, quando um único mestre é responsável pela formação de seu discípulo e, este, tem a possibilidade de acompanhá-lo no dia a dia da escola, até que um dia recebe de seu mestre o título de mestre. A “linhagem tradicional” foi durante muito tempo, no discurso de alguns angoleiros formadores de opinião como é o caso de Mestre Moraes, o único processo legítimo, de formação de um mestre de capoeira. No entanto, não foi possível ignorar por muito tempo o fenômeno que desabrochou fora da Bahia, sobretudo a partir do final dos anos 80 e início dos anos 90 do século XX, que foi o processo de adesão de capoeiristas de outras vertentes à Capoeira Angola da escola pastiniana (Idem, p. 72).

Todos os mestres que participam de nossa pesquisa, Goyano, Guaraná e Vermelho vieram da Capoeira Regional e se construíram angoleiros a partir do compromisso com a Capoeira Angola. Goyano e Vermelho, se “encantaram” pela Capoeira Angola no mesmo evento: o Festival de Capoeira Praia Verde ocorrido em Brasília, no ano de 1986. Desde então, Vermelho com seus companheiros(a) de treinamento da época, Guaraná, Besouro e Valéria, e também Ana Maria, que apesar de não ter treinado com Mestre Zumbi, participou da construção coletiva da Capoeira Angola em Goiânia, buscaram aprofundar os conhecimentos sobre essa prática. Besouro se afastou da capoeira e Guaraná fundou seu próprio grupo.

Goyano “assumiu” a Capoeira Angola, “largou a Capoeira Regional”, em 1994. Contramestre Leninho no final de 1989, veio a Goiânia e também se inseriu nesse processo. Vermelho, Caçador, Ana Maria e Valéria se vincularam ao Mestre Boca Rica, sendo que, Caçador e Vermelho foram formados a mestre por Boca Rica. Guaraná possui uma grande proximidade com Mestre Curió: “Não fui formado

a mestre de capoeira pelo Mestre Curió, mas Seu Curió é uma pessoa extremamente importante no meu processo de capoeira, é uma pessoa que me orienta muito”. Guaraná também faz a seguinte consideração sobre Mestre Moraes e Mestra Janja: “A fala deles assim na minha formação foi uma coisa muito forte” (29/11/13). Leninho se vinculou à FICA tendo sido formado como contramestre por Mestre Cobra Mansa.

Diferente de Leninho, Vermelho e Guaraná não se vincularam aos grupos dos Mestres Boca Rica e Curió, respectivamente, Escola de Capoeira Angola da Bahia/E.C.A.B e Escola de Capoeira Angola Irmão Gêmeos/ECAIG, ou seja, mantiveram a identidade local dos grupos que fundaram. Goyano não se filiou, nem possui ligação direta com nenhum mestre da linhagem pastiniana. Todavia ao narrar sua trajetória relata a influência que teve de Mestre Moraes e claro, retoma constantemente a memória de Mestre Pastinha para dar sentido a vários elementos de sua prática.

Araújo, Mestra Janja, (2004, p. 96 e 97) assim como outros(as) angoleiros(as) da “linhagem tradicional”, estabelece várias críticas aos capoeiristas que antes pertenciam a outras vertentes de capoeiras e se tornaram angoleiros:

É importante salientar que entre estes novos núcleos encontramos uma outra “novidade” gerada pela “adoção” de grupos *emergentes* que, saindo da Capoeira Regional, buscam ser *tutelados* por mestres e/ou grupos, estabelecendo um novo modelo de relacionamento onde mestre e discípulos que não convivem necessariamente num cotidiano de aprendizagens mútuas, mas, ao contrário, passam a desempenhar papéis de supervisão. Desta forma, reafirmo aqui um trabalho cujos

sujeitos referenciados atuam sob a bandeira de uma determinada *linhagem*, [pastiniana] ou mesmo de outras com aproximações no passado, permitindo pensar a atualidade da Capoeira Angola. Não passa ainda por esta abordagem estas novas ações dos *angoleiros emergentes*, termo apresentado por este trabalho como referência, i) ao recente surgimento de grande número de mestres e contramestres que atuavam na Capoeira Regional e, ao abandoná-la, migram para a Capoeira Angola portando suas graduações; ii) aos novos núcleos de praticantes que se formam através de vinculações a antigos mestres residentes em outras localidades, colocando-se sob a supervisão destes, num novo modelo de rede de praticantes. (Grifos da Autora)

“Angoleiros emergentes”, “neoangoleiros”<sup>9</sup> “angoleiros convertidos”<sup>10</sup> são algumas das denominações atribuídas a capoeiristas que saíram de outras vertentes de capoeira e assumiram a Angola. Araújo, Mestra Janja, (2004, p. 61) afirma que “Entretanto, estes continuam sendo vistos com certa desconfiança por vários ‘troncos’ de angoleiros, que os consideram ‘desprovidos de passado’”. Brito. C (2010, p. 80) ao utilizar o termo “angoleiros emergentes”, faz uma ressalva: “[...] gostaria de esclarecer que a expressão

“angoleiros emergentes”, tomada de empréstimo a Araújo (2004), não será aqui utilizada com o intuito de diminuir a legitimidade dos núcleos estudados”.

Preferimos não utilizar qualquer um desses termos, nem sequer o último, que se refere apenas ao ato religioso de se tornar angoleiro(a), no sentido da “devoção” que os(as) praticantes teriam com a Capoeira Angola. Inclusive porque nenhum(a) dos(as) entrevistados(as) se identificou com qualquer um dos termos. Neste sentido, concordamos com Magalhães Filho (2011, p. 31) que “a tradição, entretanto, resiste à classificação, e muitos achariam no mínimo problemático o estabelecimento de itens objetivos para analisar o grau de tradicionalismo de determinado grupo”. Ao utilizarmos qualquer um desses rótulos correríamos o risco de minimizar os processos históricos dos angoleiros e angoleiras de Goiânia. Como não existe sociedade sem história, certamente esses sujeitos não poderiam ser “desprovidos de passado”.

---

<sup>9</sup> Segundo Magalhães Filho (2011, p. 34) Alguns dos “neoangoleiros”, os “cristãos-novos” da angola, são também questionados, por terem saído do Brasil como praticantes de capoeira regional ou contemporânea e se tornado angoleiros no exterior, sem o tempo necessário de reciclagem para esta “conversão”. Essa expressão também aparece de Mestre Moraes em entrevista concedida ao autor: “Os praticantes de capoeira angola, os neoangoleiros que é que resolveram adotar o amarelo e preto como o uniforme, e não é isso”.

<sup>10</sup> Os *angoleiros convertidos* - como podem ser encarados os praticantes de capoeira regional que a deixam para se dedicar a capoeira angola-representam uma das muitas faces do jogo que convergem para uma relação de religiosidade com a cultura tradicional (CASTRO, 2007, p. 61).

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Costa, Rosângela. *Iê Viva Meu Mestre: A capoeira angola da “escola pastiniana” como práxis educativa*. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, 2004.
- BRITO, Celso. *A Roda do Mundo: Os fundamentos da Capoeira Angola “glocalizada”*. Dissertação de Mestrado. UFP. Paraná. 2010.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade Étnica, identificação e manipulação*. Sociedade e Cultura. Goiânia. v.6 n.2 jul/dez 2003
- FERRACINI, Rosemberg; MAIA, Carlos Eduardo. *O Espetáculo na Praça: A Roda de Capoeira Angola*. Espaço e Cultura. UERJ, RJ Nº 22, p.32-42, Jan/Dez de 2007
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAGALHÃES FILHO, Paulo. *Jogos de Discurso: A Disputa por Hegemonia na Tradição da Capoeira Angola Baiana*. Dissertação de Mestrado. UFBA/ Salvador. 2011
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, Vozes. 1999
- PIRES, Antonio Liberac. *Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá: três personagens da capoeira baiana*. Tocantins/Goiânia: NEAP/Grasfset, 2002.
- RATTS, Alecsandro JP. *Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras* In: 27º Encontro anual da ANPOCS, CD-ROM, 2003.
- SILVA, Renata; NORONHA, Flávia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *Daí-me Licença aê! Trajetórias híbridas da Capoeira Angola em Goiânia e São Paulo*. In: *Corpopular: intersecções culturais*. Goiânia. Ed. Da PUC. Goiás. Cir Editora. 2013